

Caesb tenta culpar UnB por contaminação

Denúncia "alarmista" mobiliza o GDF e órgão responsabiliza má conservação das caixas d'água

ADALDO CRUZ



Leonardo, Milazzo e Martins Holanda: 3 dos 10 técnicos que a Caesb reuniu para negar sua culpa na contaminação

UnB alertou procurando evitar pânico

FRANCISCO GUALBERTO

O diretor da Faculdade de Medicina da UnB, Odílio Silva, surpreendeu-se com a divulgação da descoberta de bacilos de coli na água, que indicam a contaminação da rede de abastecimento da cidade, feita pela área de Nutrição da Universidade de Brasília. Como responsável pelo setor, o professor Odílio explicou que sua primeira providência foi encaminhar os laudos comprobatórios da contaminação ao superintendente da UnB, coronel Lyster de Figueiredo, a quem caberia alertar a Caesb para o problema.

"Agimos dessa forma como uma medida acatadora para não criar pânico entre a população", esclareceu. Ele acredita que a comunicação à Caesb por parte da administração da universidade foi imediata. "No intuito de auxiliar e precaver os responsáveis pelo abastecimento d'água".

Lembrou, ainda, que, a exemplo dos professores da área de Nutrição, qualquer pessoa pode solicitar a análise da água que recebe em casa pelo Instituto de Saúde. "No caso dos professores, a iniciativa surgiu pela constatação de que as velas dos filtros até recentemente lavadas de seis em seis meses, passaram a exigir duas lavagens diárias.



Odílio Silva: surpresa

para mantê-las livres de resíduos. Ele, também, descartou a possibilidade da contaminação ter origem na caixa d'água.

gua que abastece a universidade, uma vez que exame semelhante foi feito pelos professores na Colina, que recebe água diretamente da rede pública, dando resultados semelhantes, com grande incidência de giárdia.

O professor José Dórea, do Núcleo de Medicina Tropical, esclareceu, por sua vez, que seu conhecimento a respeito de parasitas na água, como ameba, giárdia e ascáris, restringe-se às amostras retiradas das torneiras que abastecem o laboratório e aos resíduos encontrados nas velas dos filtros, encaminhados ao Instituto de Saúde para análise, no último dia 3.

Alunos, professores e demais funcionários da UnB estão solidários com a iniciativa do pessoal da área de Nutrição, em encaminhar a água para exame. Mesmo sem querer se identificar, eles acreditam que a divulgação do laudo só eleva o conceito da universidade entre a população de Brasília. Ontem, todos que leram a manchete do CORREIO BRASILENSE evitaram ingerir a água das torneiras e bebedouros, resultando em grande procura de água mineral engarrafada ou em copos nas lanchonetes do "Campus".

Hospital não faz controle estatístico

Nos laboratórios de análises clínicas visitados pela reportagem do CORREIO BRASILENSE, a notícia da contaminação da água consumida em Brasília foi recebida com certa surpresa, visto que, do ponto de vista estatístico, ainda não foi verificado qualquer incremento da incidência de doenças parasitárias nos últimos exames realizados na cidade. O Laboratório Pasteur, por exemplo, que realiza diariamente um controle de avaliação dos casos e números, não acusou, até ontem, qualquer aumento do índice de positividade destas doenças.

Segundo um dos seus diretores, o médico Hércules Sidnei Pires Liberal, o índice médio de incidência relativo ao Plano Piloto — área de abrangência do

laboratório —, obedece a uma porcentagem de cerca de 25%, ou seja, dos quase 100 exames parasitológicos efetuados diariamente neste laboratório, de 20 a 30 indicam a presença de parasitas, que podem provocar graves consequências ao organismo humano. O índice, porém, aumenta nas cidades-satélites e entre as populações de baixa renda e precárias condições de higiene, podendo chegar a 60%, como no Gama.

No Laboratório de Patologia Clínica do Hospital de Base de Brasília, o de maior demanda de pacientes em todo o Distrito Federal — atendendo até menos a moradores de Góias e Minas, através da realização diária de algumas centenas de exames de

diversas espécies, inclusive parasitológicos — também não foi possível verificar quaisquer indícios de que a anunciada contaminação da água já tenha afetado a saúde do brasiliense. Principalmente pela ausência de um controle específico efetuado pelo estabelecimento.

Não é feito, no HBB, esse tipo de controle estatístico, uma vez que cada paciente realiza de três a quatro exames num curto espaço de tempo, em função de um acompanhamento médico da progressão da doença. De acordo com funcionários do laboratório, é difícil fazer essa avaliação, mas eles próprios confirmam que há possibilidade de realizar esse levantamento, caso haja necessidade.

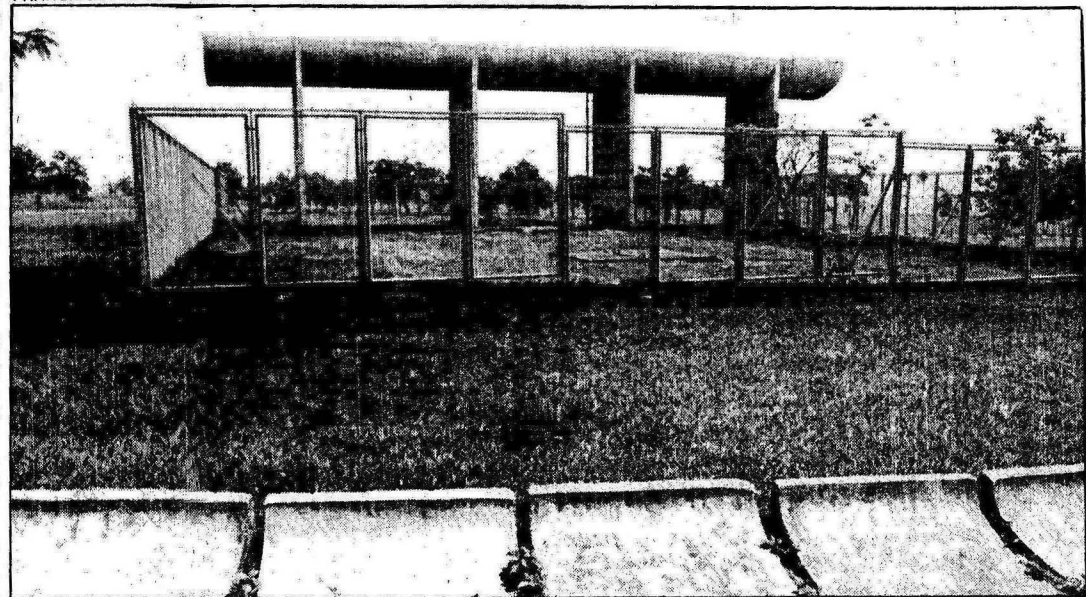
Deputados exigem apuração da denúncia

O deputado Carneiro Arnaud (PMDB-PB) e membro da Comissão de Saúde da Câmara considerou a denúncia da UnB sobre a poluição da água potável de Brasília como "altamente grave e que merece a atenção prioritária do Governo".

Carneiro, que é médico, disse que as bactérias encontradas — giárdia e ascáris — só ocorrem nos ambientes mais poluídos do mundo e a sua existência em plena capital do Brasil é um exemplo de descaso que "estrangeira a própria civilização".

Ele observou que os sintomas de poluição do Lago Paranoá, de onde provém, a água brasiliense, já são sentidos há muito tempo pela população da capital, não se admitindo por isso as evasivas das autoridades do Distrito Federal, que querem agora "tapar o sol com a peneira".

FRANCISCO GUALBERTO



A caixa-d'água da UnB: a Caesb afirma que é de lá que vem a contaminação

Classificando a denúncia de "alarmista" e culpando a Universidade de Brasília pela contaminação da água analisada no Instituto de Saúde, a Caesb garantiu ontem que a água consumida em Brasília é do tipo classe A. Mas, os Departamentos de Engenharia e Medicina têm outra posição: lembram que a caixa-d'água da UnB é selada e exibem os laudos das análises. Nos hospitais e laboratórios outra revelação: não há um acompanhamento estatístico que permita avaliar possíveis efeitos bacteriológicos da água consumida, na saúde da população. No Congresso Nacional as denúncias repercutem e parlamentares pedem providências.

A Companhia de Águas e Esgotos de Brasília — Caesb — procurou ontem responsabilizar a administração da Universidade de Brasília (UnB) pela contaminação nas amostras de água analisadas pelo Instituto de Saúde. Examinando-se de qualquer culpa, a Caesb afirmou que sua responsabilidade vai somente até a chegada da água aos reservatórios e que, a partir daí, qualquer contaminação é culpa da má conservação das caixas-d'água. Segundo o diretor de administração e planejamento da empresa, Luiz Martius Holanda Bezerra, a água de Brasília é do tipo classe "A" e a denúncia dos professores da UnB, além de alarmista, é precipitada já que "uma informação nesse nível só é possível depois de uma série de estudos".

Os esclarecimentos da Caesb foram feitos ontem em uma entrevista coletiva no Palácio do Buriti, para onde se deslocaram mais de dez diretores e técnicos da empresa. Foi levado até um mapa do Distrito Federal para que o diretor de engenharia da Caesb, Leonardo Milazzo, pudesse mostrar como é feito o abastecimento de água na cidade. Com muita calma, Milazzo explicou que Brasília é atendida pelo sistema dos lagos Santa Maria e Torto, frizando que os dois lagos, por estarem dentro do Parque Nacional, não sofrem qualquer influência da atividade humana. Por isso, explicou ele, não existe qualquer possibilidade de contaminação. Além disso, conforme Leonardo Milazzo, a Caesb exerce um grande controle laboratorial na água do manancial até sua chegada às caixas-d'água. Disse ele que, diariamente, uma equipe da empresa exerce esse controle e que o que pode acontecer na água que o brasiliense bebe é a contaminação ocasional.

A contaminação da água pode, segundo técnicos da Caesb, ser natural e ocasional. Eles explicam que a contaminação natural não ocorre em Brasília ou nas cidades-satélites porque os mananciais são muito bem protegidos, não havendo interferência humana, nem resíduos que possam poluir a água. Já a contaminação ocasional é reconhecida pela Caesb e ela pode acontecer pela má conservação dos reservatórios ou pela ação direta do homem. Então, segundo a Caesb, o problema não é mais de sua alçada.

CULPADOS

O diretor de administração e planejamento da Caesb, mais nervoso, deu respostas mais contundentes à imprensa. Para ele, a notícia de que amostra de água de Brasília foram analisadas e mostraram alto índice de sujeira é alarmista e não representa um estudo.

— A Caesb fez hoje (ontem) às 10h30min, um levantamento em suas águas e constatamos que não havia qualquer índice de contaminação. O índice de cloro estava bom. O que pode ter acontecido com o reservatório da Universidade de Brasília

é uma interferência humana. A caixa-d'água, de onde se retirou a água que foi analisada, serve para reserva. A água fica ali parada muito tempo e o mesmo pode ter acontecido nos outros colégios. Somos, volto a repetir, responsáveis pela água que sai do manancial e chega ao reservatório. Depois disso, quem fica responsável é o usuário. A notícia, com uma manchete alarmista, não causou preocupação à Caesb que está, isto sim, aproveitando a oportunidade para falar sobre seus serviços.

Luiz Martius desmentiu a informação de que a Companhia de Água e Esgotos de Brasília não tem condições de fazer exames parasitológicos. Garantiu que a empresa tem toda a aparelhagem necessária para realizar qualquer tipo de exame. Para ele, a Caesb está segura em informar a população de Brasília que temos na cidade "uma água limpa, isenta de contaminação, com índice coli (presença de coliformes) zero". Martius voltou a repetir que a contaminação por má conservação de reservatórios não era problema da empresa, mas que há técnicos que podem verificar essa contaminação e que estão à disposição da população.

— O que fazemos é uma espécie de medicina preventiva. Lançamos um folheto ensinando ao usuário como cuidar de seus reservatórios. Nele colocamos claramente que a Caesb leva até lá a água sanitariamente segura, atendendo aos padrões de potabilidade.

CENSURA

O diretor do Instituto de Saúde do Distrito Federal — órgão ligado à Secretaria de Saúde —, Francisco Leonardo de Almeida, confirmou que foi feita a análise, mas que o laudo jamais poderia ter sido divulgado. Para ele, essa divulgação é errada já que as análises foram feitas com amostras retiradas pelos professores da UnB, sem qualquer acompanhamento técnico.

— Realmente fizemos a análise como fazemos sempre para qualquer pessoa ou entidade que nos pede para analisar um produto. O laudo não poderia ser divulgado para a imprensa porque pode trazer preocupação para a comunidade e uma preocupação desnecessária já que elas, as análises, têm dados somente sobre aquela parte da água. Para falarmos que a água de Brasília é contaminada, teríamos que fazer testes no manancial e encontrar alguma coisa. Isso foi feito e nada foi encontrado. Se uma dona-de-casa, com um reservatório sujo, nos traz sua água para exame ele vai ser analisado e, provavelmente, vamos encontrar sujeira. Foi isso que aconteceu com a água que nos foi levada pela UnB. Temos feito sempre dois tipos de exames, um no manancial e outro depois da água passar na torneira. Foi visto que quando há contaminação ela acontece depois da torneira.

Providências foram pedidas dia 4

O superintendente executivo da UnB, coronel Lyster Figueiredo, informado no início deste mês de que a água distribuída aos alunos, professores e funcionários estava contaminada, enviou no último dia 4 um ofício ao Instituto de Saúde do Distrito Federal, pedindo providências para que o problema fosse solucionado com a maior rapidez possível. Até ontem, nada tinha sido feito neste sentido.

Segundo informações de um dos responsáveis pela divisão de Engenharia da UnB, Lyster Figueiredo, logo após receber a informação do diretor do Departamento de Nutrição da UnB, professor Odílio Silva, procurou sensibilizar as autoridades para "o grave problema". Como não obteve êxito, determinou aos responsáveis pela caixa-d'água a realização de estudos para que fosse encontrada, de imediato, uma solução.

— Nós, na verdade, não sabemos o que fazer, pois a água que todos bebem é da exclusiva responsabilidade da Caesb, uma vez que a UnB não dispõe de um serviço de tratamento. Podemos garantir, entretanto, que a nossa caixa-d'água não está contaminada", disse o funcionário.

Enquanto a Divisão de Engenharia não encontra uma solução, alunos, professores e funcionários procuram pelos seus próprios meios resolver o problema. A maior preocupação é justamente no Departamento de Nutrição, onde, após examinar várias amostras colhidas na UnB e em outros locais de Brasília, três professores detectaram bactérias na água destinada ao consumo. Nesse local, por recomendação dos médicos, diante do perigo que os micróbios representam para a saúde, até o filtro foi substituído.

"Desde que ficou comprovado que a água está contaminada, nós resolvemos nos prevenir: substituímos o filtro pela água fervida", informou uma funcionária do departamento, acrescentando que as pesquisas foram realizadas pelos professores Vera Bezerra, José Garrofe Dórea, João B. R. Salomão e Eduardo F. O. Queiroz.

Segundo informações dos funcionários do Departamento de Nutrição da UnB, os professores tiveram o "máximo cuidado" durante as pesquisas. No final, constataram o perigo. A Caesb, obviamente, não vai querer confirmar o fato. Mas a verdade é que os laudos comprovando a existência de bactérias existem. Daí que o superintendente resolveu enviar um ofício ao Instituto de Saúde do Distrito Federal para pedir providências. Podem estar certos de que não é só aqui que estamos bebendo água contaminada", disse o funcionário.

REPRESALIA

Para surpresa dos alunos e professores, a Caesb, que até ontem não tinha tomado qualquer providência para resolver o problema da água contaminada, interditou todas as piscinas da UnB, alegando que elas estão sujas. Esta atitude foi classificada por um representante da Piscina Azul, firma responsável pela manutenção das piscinas como uma clara represália.

Há mais de cinco anos que o órgão não fiscaliza as piscinas, pois sabe que temos o maior cuidado com elas. Agora, sem qualquer aviso, interditou tudo. Isto é um abuso porque, de acordo com o Código Sanitário, as piscinas só poderiam ser fechadas após a análise de cinco amostras da água. É necessário que se faça, antes, as análises bacteriológicas, disse o representante.